ODEERE
ISSN 2525-4715
Vol 10, Nº 1, 2025, 178-198
DOI: 10.22481/odeere.v10i1.16717
Artigos Livres | Free Articles | Artículos Libres

Ser mulher negra na docência universitária nas Ciências da Natureza: narrativas de existência e re(existência)

Fabiana Correia Moura[1]* Talamira Taita Rodrigues Brito[2]
[1]Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil
[2]Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil
*Autor de correspondência: fabyymoura01@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa que investiga trajetórias e estratégias de insurgências forjadas por mulheres negras na docência universitária na área de ciências da natureza (Biologia e Química) no enfrentamento ao racismo e as violências de gênero. O estudo é orientado pelos aportes do feminismo negro e interlocuções. O artigo apresenta um excerto da pesquisa cujos dados foram constituídos com base na narrativa de professoras universitárias. Os resultados parciais denotam caminhos e estratégias contracoloniais elaboradas por meio da organização políticas de mulheres negras em contraponto aos ditames ocidentais de produção do conhecimento. Em suma, este artigo está organizado da seguinte maneira: 1º) apontamentos sobre a relevância da discussão de gênero, raça e classe na educação em ciências; 2º) apresentação de um panorama conceitual da Escrevivência como artefato de pesquisa, ou seja, abordagem metodológica que entrelaça a experiência, a vivência e escrita, cunhada por Conceição Evaristo (2020); 3º) As intersecções sobre a docência universitária e o fazer ciência a luz do feminismo negro 4º) Reflexões sobre vida, narrativas de mulheres negras professoras universitárias das Ciências da Natureza bem como as estratégias de enfrentamento ao racismo e novos modos de produção de ciências em expedientes interseccionais.

PALAVRAS-CHAVE:
Ciências da Natureza
Docência universitária
Escrevivência
Mulheres negras

ABSTRACT

This article aims to present partial results of research investigating the trajectories and strategies of insurgencies forged by black women in university teaching in the field of natural sciences (Biology and Chemistry) in confronting racism and gender violence. The study is guided by contributions from black feminism and interlocutions. The article presents an excerpt from the research, whose data was compiled based on the narratives of university professors. The partial results denote countercolonial paths and strategies developed through the political organization of black women in contrast to Western dictates of knowledge production. In summary, this article is organized as follows: 1) notes on the relevance of the discussion of gender, race, and class in science education; 2) presentation of a conceptual overview of Escrevivência as a research artifact, that is, a methodological approach that intertwines experience, living, and writing, coined by Conceição Evaristo (2020); 3) the intersections between university teaching and science in the light of black feminism; 4) reflections on life, narratives of black female university professors of Natural Sciences, as well as strategies for confronting racism and new modes of science production in intersectional approaches.

KEYWORDS:
Black women
Natural Sciences
University teaching
Writing

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados parciales de la investigación que analiza las trayectorias y estrategias de insurgencia forjadas por mujeres negras en la docencia universitaria en el área de ciencias naturales (Biología y Química) en la lucha contra el racismo y la violencia de género. El estudio se basa en las aportaciones del feminismo negro y los diálogos. El artículo presenta un extracto de la investigación cuyos datos se han recopilado a partir de los relatos de profesoras universitarias. Los resultados parciales muestran los caminos y estrategias anticoloniales elaborados a través de la organización política de las mujeres negras en contraposición a los dictados occidentales de producción de conocimiento. En resumen, este artículo está organizado de la siguiente manera: 1) apuntes sobre la relevancia del debate sobre género, raza y clase en la educación en ciencias; 2) presentación de un panorama conceptual de la Escrevivência como artefacto de investigación, es decir, un enfoque metodológico que entrelaza la experiencia, la vivencia y la escritura, acuñado por Conceição Evaristo (2020). 3º) Las intersecciones entre la docencia universitaria y la práctica científica a la luz del feminismo negro; 4º) Reflexiones sobre la vida, las narrativas de las mujeres negras profesoras universitarias de Ciencias Naturales, así como las estrategias para hacer frente al racismo y las nuevas formas de producción científica desde expedientes interseccionales.

PALABRAS-CLAVE:
Ciencias Naturales
Docencia universitaria
Escritura
Mujeres negras

SUBMETIDO: 29 de maio de 2025 | **ACEITO:** 13 de junho de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

1. Introdução

Este artigo tem como propósito apresentar um recorte teórico-metodológico da pesquisa Narrativas de vida e Formação de mulheres negras, professoras universitárias da área de ciências da natureza. Consideramos necessário reafirmar o que já foi dito em outras pesquisas, cujas escolhas ora se entrecruzam ou se aproximam deste estudo, que a opção por pesquisar esta temática numa sociedade estratificada, que submeteu e ainda submete corpos não brancos/mulheres aos estereótipos raciais/cis heteronormativos, além do exercício epistêmico, é um ato político.

Sou uma mulher negra, pedagoga, filha de uma mulher negra que não concluiu o Ensino Fundamental. Trabalho professora da educação básica desde o ano de 2002, na rede pública de educação, em todas as escolas que trabalhei vivenciei violências de gênero, racismo, assédio, que só após iniciar minha jornada de retomada de quem sou à luz dos estudos decoloniais e do feminismo negro, tomo consciência que violências que atravessaram a minha vida é um microssomo do grande bioma social estruturado pelo racismo e pelo patriarcado.

Reforço aqui a argumentação da intelectual negra Maria Aparecida Cida Bento (2022) a ciência branca está vinculada a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se faz hegemônico. É a história da identidade renunciada. Na mesma mirada, ser mulher, negra, professora universitária, pesquisadora e cientista nesta mesma sociedade é lidar cotidianamente com embates na arena acadêmica que ainda invalida as identidades não hegemônicas para manutenção do pacto racial denunciado por Cida Bento (2022) como pacto da branquitude.

Deste modo, reconhecemos que conforme Conceição Evaristo (2020), a escrevivência mobiliza muito mais que mera transcrição de narrativas ou o ato frio de coleta de dados, pelo contrário, quebramos as correntes da neutralidade e das epistemologias demarcadas pela gênese eurocentrista para reconhecer que a escuta ao narrado carrega risos, cheiros, expressões faciais, lágrimas, um emaranhado de emoções.

A mirada epistemológica que se apresenta a partir das narrativas rompe com os limiares de uma ciência cartesiana para pensar novas possibilidades e

arranjos sociais que partam do lugar da experiência profissional, humanística, estética, afetiva, criativa e poética, o que Souza (2024) denomina de espelhamento narrativo e circulação de afetos. Por sua vez, compreendemos o campo da Educação Científica e a Formação Professorxs como expedientes de pesquisa permeadas por paradigmas epistemológicos, sociológicos que impactam os usos sociais da ciência, seja para manutenção s embargos históricos para promoção da equidade de gênero ou na ruptura com tais arranjos. Tornar a academia um espaço enegrecido, diverso e democrático ainda é um grande desafio.

Neuza Santos Souza publicou sua dissertação de Mestrado em 1981, ano que nasci. O livro "*Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*" (SOUZA, 2021) foi publicado no seio de um regime autoritário. Ser uma mulher negra com compreensão racial sobre as intersecções que nos inscrevem no mundo nos conclama a perceber nossa condição vinculada ao espaço, tempo, na busca constante por inspirações e positivação dos nossos corpos, da nossa estética.

Evaristo (2020) nos propõe usar a escrita como forma de ferir o silêncio, de desestabilizar as estruturas e seus modos de operar o saber. Neste bojo, ao pensarmos sobre representatividade, podemos tomar como exemplo Katemari Diogo da Rosa, professora de física da Universidade Federal da Bahia, militante pela inserção de negras e negros nas ciências exatas, membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Física, o trabalho de Katemari Rosa e de tantas outras intelectuais negras, ecoam das lutas de mulheres negras que pavimentaram o caminho.

No Brasil, somente no ano de 1998, Ivete Sacramento foi eleita e empossada como a primeira reitora negra de uma universidade brasileira. Sua gestão na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) foi marcada pelo fortalecimento da multicampia, por meio da expansão da universidade, e pela implantação do Sistema de Cotas na instituição. Na esfera federal, a pedagoga, Dra. Nilma Lino Gomes foi a primeira mulher negra a ser empossada no cargo de reitora de uma universidade federal brasileira em 2013, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Os dados publicados pelo Observatório de Recursos Humanos para Ciência, Tecnologia e Inovação (RHCTI), que faz parte de uma atividade permanente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social dedicada a realizar estudos e avaliações nas áreas de CT&I e Educação, apresenta um crescimento significativo do quantitativo de mulheres com titulações em nível de mestrado e doutorado, entretanto estes dados apontam especificidades e discrepâncias no que diz respeito às áreas do conhecimento, mercado de trabalho, remuneração, progressão na carreira, sobretudo no que diz respeito às mulheres negras. Elas ainda estão chegando nas Universidades (CGEE, 2024).

Para Evaristo (2020), entre o que vivenciamos e o que narramos há um abismo onde surge a invenção, a ressignificação dos afetos, sentido e experiências. Assim sendo, ao analisarmos o que é narrado por mulheres negras na docência universitária, duas docentes dos cursos de Biologia e do curso de Química, percebamos que desde a escolarização básica, apesar da singularidade de cada uma, elas carregam em si dores comuns provocados pelo racismo, mas também forjam artefatos de insurgência. Esta pesquisa está sendo realizada numa universidade pública da Bahia que abriga cursos de Licenciatura na área de Ciências da Natureza: Química-Física-Biologia.

Na busca de apresentar a natureza deste estudo, tecemos este artigo em quatro frentes: 1º) apontamentos sobre a relevância da discussão de gênero, raça e classe na educação em ciências; 2º) apresentação de um panorama conceitual da Escrevivência como artefato de pesquisa; 3º) As intersecções sobre a docência universitária e o fazer ciência a luz do feminismo negro; 4º) Reflexões sobre vida, narrativas de mulheres negras professoras universitárias das Ciências da Natureza, suas estratégias de enfrentamento ao racismo e de criação de novos modos de produção de ciências em perspectivas e expedientes intersecionais.

Ser uma mulher negra, docente universitária atuando na tríade de produção do conhecimento científico, a pesquisa, o ensino e a extensão não é uma dinâmica pensada para nós, mulheres negras na sociedade brasileira. Os percursos das mulheres na ciência foram construídos a partir de normas sociais e ambientes, fundamentados em valores e padrões cisheteronormativos/masculinos,

que apesar dos avanços, ainda restringem, criam obstáculos e direcionam a participação dessas na ciência (CHASSOT, 2007).

É cada vez mais evidente a lógica epistêmica da ciência ocidental que coroa projetos de reprodutores da lógica de objetificação da vida e história dos povos negros africanos/ameríndios, de modo a impedir ou limitar o acesso destes povos/corpos/ culturas/etnias/ às carreiras científicas, principalmente no âmbito das ciências exatas e ciências da natureza, campos fortemente marcados pelo positivismo lógico, denominado de "ciências duras" (ROSA; ALVES-BRITO; PINHEIRO, 2020).

Nossos modos de operacionalizar saberes, construir conhecimentos, elaborar questões de pesquisa, formular instrumentos e conceber interpretações aos dados, falas, narrativas, são impregnados de visões e valores colonialistas, típicos da estrutura de pensamento que nos formou. O argumento da violência que sempre vigorou no projeto colonialista europeu e fora disseminado nos territórios colonizados subalterniza as identidades femininas, ainda que o racismo pese sobre a vida dos homens negros, o patriarcalismo comum aos padrões contratuais das sociedades modernas relega às mulheres negras o que Kilomba (2019) define como "o outro do outro", além de serem lidas como "o outro" dentro da lógica colonial e eurocêntrica – ou seja, distinto do sujeito universal branco, masculino e ocidental – mulheres negras são concebidas como seres cuja humanidade é duplamente negada.

Na mesma tônica, a antropóloga Lélia Gonzales (2020), uma das pioneiras nos movimentos e produção teórica do feminismo negro no Brasil, afirmou que a racionalidade interna dominante do sistema capitalista desde sua fase monopolista a fase industrial, obstrui o crescimento equilibrado das forças produtivas formando uma massa marginalizada.

Na busca por contrapor a ideia de que o cientista é o homem branco ocidental, Florença e Verrangia (2021) afirmam que as representações sobre a Ciência, o fazer científico e os cientistas estão diretamente relacionadas às representações historicamente fabricadas no ocidente.

Para Garcia (1999), a formação de professores é um fenômeno complexo e diverso sobre o qual existem apenas escassas conceptualizações e ainda menos acordo em relação às dimensões e teorias mais relevantes para a sua análise:

> Em primeiro lugar a formação, como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino, treino etc. Em segundo lugar, o conceito formação inclui uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta outras concepções eminentemente técnicas. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação (GARCIA, 1999, p. 21-22).

A definição que comungamos sobre formação de professores ainda é definida pela crença numa humanidade global definida pela ciência ocidental. Mas, qual "verdade" e qual "ciência" está posta? Afinal, o que é Ciência para cada contexto histórico? "De Galileu a Newton" que "revolucionou" a ciência ao propor a ruptura com o pensamento bíblico, o que faziam, pensavam, produziam as mulheres no âmbito da ciência? A quem interessa a invisibilização destas figuras femininas? Qual/quais projetos de poder estão atrelados ao ideário de tecnociência que circunda a o mundo contemporâneo?

Para Florença e Verrangia (2021) naturalizar a ausência de mulheres, negros/indígenas e africanos na Ciência contribui para a produção de um imaginário que reitera posições que inferiorizam tais grupos (que, não podemos esquecer, gera consequências materiais), atua ativamente na manutenção do sexismo e do racismo. Mulheres negras conscientes da dinâmica racializada que configura sua atuação docente nestes espaços criam estratégias poderosas de insurgências.

2. Movimentos de mulheres negras e a epistemologia feminista negra

A Ciência Moderna sempre utilizou o termo homem como categoria representativa de toda ideia de humanidade, seja para tratar das descobertas e tratados fixados pela ciência aristotélica ou para refutá-la por meio de outras grandes descobertas como as que guiaram nomes como Nicolau Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642), Johannes Kepler (1571-1630). Qual "verdade" e qual "ciência" está posta? Afinal, o que é Ciência para cada contexto histórico? "De Galileu a Newton" que "revolucionou" a ciência ao propor a ruptura com o pensamento bíblico, o que faziam, pensavam, produziam as mulheres no âmbito da ciência, da guerra, no sentido da ruptura, visto que perante "Deus" e a Bíblia, a

mulher era a árvore e a semente do pecado, o corpo que assumiu a culpa pela queda de Adão quando aceitou o desafio da "serpente" de comer do fruto da consciência?

Pateman (2020) denuncia os teóricos contratualistas dos séculos XVII e XVIII por omitirem a natureza do patriarcado moderno e seus mecanismos de submissão das mulheres ao domínio dos homens. Ela também destaca que o contrato original é formulado por homens brancos. O pacto fraterno carrega três aspectos que os orientam: O contrato social, o sexual e da escravidão, sendo que este último formula e legitima o domínio dos homens brancxs sobre os homens negrxs. A animalização, a produção de uma ciência que garantisse o status de inferioridade à população negra/indígena sempre fizeram parte da sociedade contratualista.

A concepção de contrato original apresentada destaca que as teorias clássicas que apontaram para a necessidade das instituições estatais, ou seja sociedade civil, direito político, autoridade legal do Estado, logo a mulher é negociada pela via do casamento quando o domínio sobre ela e suas decisões passa a ser responsabilidade do marido, por consequência as mulheres são mercadorias, objetos negociáveis (PATEMAN, 2020).

Reconhecemos neste sentido a importância de evidenciar as estratégias de insurgências construídos por mulheres negras na docência universitária: organização de grupos de pesquisa em perspectivas interseccionais, criação e ampliação de espaços de aquilombamento, orientações de estudos e pesquisas com recorte étnico-racial, criação de componentes curriculares em relações étnicas dentre outras investidas. O aquilombamento acadêmico parte do que Abdias do Nascimento (1980) pontua: O quilombismo é uma alternativa ao modelo capitalista e colonialista fundamentado na cooperação, no respeito às diferenças e na valorização da cultura afrobrasileira. É na verdade filosofia de vida e resistência, mas também um projeto político emancipatório que vemos emergir na organização das intelectuais negras, professoras universitárias.

Sabemos que não há consenso sobre os conceitos e preceitos para o movimento feminista, do mesmo modo a concepção sobre o termo patriarcado. Contudo, nós mulheres negras sabemos de dentro dos nossos corpos que o patriarcado é um sistema que instrumentaliza os modos operar racialmente o poder. Corroboramos com o que Carneiro (2023, p. 16) nos diz: "é por meio do

epistemicídio que o dispositivo realiza as estratégias de inferiorização intelectual do negro e sua anulação enquanto sujeito do conhecimento, o que faz enquanto consolida a supremacia intelectual da racialidade branca".

As feministas negras denunciam a tripla opressão quando apontam que o patriarcado e a cor nos colocam em situação de subalternidade perante: o homem branco, a mulher branca e o homem negro. A mulher negra é o outro do outro, pois é o outro do homem e o outro do branco, a antítese da masculinidade-branquitude, a mulher de cor está hierarquicamente na posição mais vulnerável na supremacia patriarcal, colonial e classista (KILOMBA, 2019).

Estudar a história feminismo negro sob as lentes das epistemologias decoloniais e dos estudos sobre Direitos Humanos e diversidade nos possibilita identificar gênero como categoria sociorracial que transpõe a lógica biológica e meramente binarista.

A História da Educação Brasileira e da formação do país como uma democracia pautada em valores republicanos, carrega em seu bojo as marcas violentas dos processos de colonização. As desigualdades de gênero, classe, etnia atravessadas pelo racismo, etarismo e tantas outras facetas de opressões enfrentadas na contemporaneidade, são reflexos da naturalização e legalismo que sempre circundaram o escravagismo, a exploração do trabalho feminino, de crianças em nome de um suposto desenvolvimento capitalista.

Os estudos de Teles (2017) sobre a condição da mulher no Brasil Colônia (1500-1822) apontam que os colonizadores, assim como os padres jesuítas viam as mulheres indígenas para o trabalho escravo, como concubinas ou domésticas. Dificilmente a mulher negra/indígena podia fugir desses padrões.

Ainda segundo Teles (2017), a mulher negra, seja ela retinta ou miscigenada era escravizada, acumulava funções desde as plantações aos serviços domésticos. Aquelas que eram consideradas atraentes para os senhores, quando se recusavam ao serviço sexual eram estupradas. Muitas delas praticavam abortos ou matavam seus filhos recém-nascidos para impedir que um novo escravo surgisse.

Nossas epistemologias nascem da organização política mulheres negras nos movimentos de resistência e na constituição dos quilombos proliferados no território brasileiro sendo que Dandara dos Palmares, Aqualtune, filha do Rei do Congo,

Filipa Aranha, Maria Firmina Reis, Luísa Mahim, dentre outras mulheres se destacam na luta por liberdade e por direitos nas inúmeras revoltas oitocentistas (TELES, 2017).

É fato que na virada do século XIX ao século XX, mulheres de toda parte do mundo galgam conquistas antes vistas como exclusivamente masculinas. Ocupam espaços no mercado de trabalho, nas ciências, nas tecnologias, passam a ter graus de instrução mais elevados, superam os homens em diversos aspectos, entretanto, os avanços galgados no que diz respeito a sexualidade, família, direitos reprodutivos, direito ao voto, participação política não alcançam mulheres de grupos sociais distintos, principalmente as mulheres negras (ASSIS, 2016; OLIVEIRA, 2016; EUCLIDES, 2017; TELES, 2017; NASCIMENTO, 2021; GONZÁLES, 2020; ALENCAR, 2021). É sabido que o critério racial de seleção para o mercado de trabalho alijava mulheres negras da possibilidade de ocupar espaços de poder e representatividade visto que o Estado brasileiro coadunava com as teorias racistas de embranquecimento da população. "A herança escravocrata presente até os dias atuais redimensiona o negro e tudo pertencente a sua cultura para a margem daquilo que foi construído como nação" (EUCLIDES, 2017, p. 28).

O Movimento Negro Unificado (MNU) articulou a luta política e social no Brasil reivindicando direitos historicamente negados para toda população negra, principalmente com a ascensão da Frente Negra Brasileira que mais tarde passa a enfrentar a clandestinidade com o Golpe Militar de 1964 no Brasil. Este olhar para alguns eventos históricos nos serve como lentes para problematizar e expor o que as pesquisas com foco na condição de mulheres negras, acadêmicas, professoras universitárias nos contam sobre a inventividade, criatividade e organização política que emergem das estratégias na contracorrente do racismo e exclusão amalgamados no solo da política, da ciência e da compreensão da realidade pela população brasileira. Embora reconheçamos a importância da luta das sufragistas pelo voto, pela conquista dos direitos políticos, as mulheres negras ainda são invisibilizadas no âmbito do reconhecimento pela historiografia oficial, bem como nos espaços de poder bem como nas universidades brasileiras.

3. Escrevivência como artefato de pesquisa e abordagem metodológica

Pesquisar as narrativas de mulheres no intuito de potencializar e refletir sobre suas estratégias forjadas contra todos os instrumentos de controle dentro das Universidades, é um ato político. O encontro com o narrado diz sobre elas e seus entrelaces com nossas vidas e experiências subjetivas, o que Conceição Evaristo (2008; 2020) define como Escrevivência.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (EVARISTO, 2020).

A máxima feminista "o pessoal é político" é bem elucidativa no sentido de denunciar o quanto o mundo privado, ou seja, os arranjos matrimoniais, a parentalidade, a sobrecarga doméstica e do cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, impactando a qualidade de vida e seu desenvolvimento profissional. A mirada epistemológica que se apresenta a partir das narrativas de mulheres negras rompe com os limiares de uma ciência reducionista esgarçando as dimensões humanística, estética, afetiva, criativa e poética que envolve a pesquisa como práxis social.

Evaristo (2020) anuncia a escrevivência como ecos de resistência. A epistemologia feminista negra em Gonzáles (2020), hooks (2019; 2021), Akotirene (2018), Souza (2024), Rosa, Alves-Brito e Pinheiro (2020), Nascimento (2021) e dentre outras. Neste sentido Moreira (2018; 2023) e Carneiro (2023) nos lembram que somos frutos do feminismo negro. Conforme Moreira (2018) convencionado na leitura sociológica como novos movimentos sociais. Nossa escolha pela escrevivência Evaristo (2008; 2020) converge no entendimento que toda práxis humana, memórias narradas, escritas, oralizadas, revelam as apropriações individuais e coletivas que construímos na elaboração de nossas relações com a natureza, na família, no campo da espiritualidade, nas relações afetivo-sexuais etc.

A Escrevivência como escolha teórico-metodológica de estudos/investigação é situada por Evaristo (2008; 2020) como eco de experiências que se consolidam como práxis formativas de pesquisa e que oportunizam mulheres negras narrarem suas vivências emitindo novos significados para as

memórias acessadas. "Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008, p. 24).

4. Itinerário entre a questão de pesquisa, as narrativas e resultados

A escolha desta proposta de investigação foi emergindo do desejo de desenvolver uma pesquisa que se debruçasse sobre a condição da mulher nas ciências e ao mesmo tempo, refletir sobre desenvolvimento profissional destas professoras na docência universitária diante dos obstáculos erguidos por uma cultura científica estruturada sob as lentes do patriarcado e do racismo.

Ao investigarmos as trajetórias de mulheres negras na docência universitária assumimos o compromisso de situar epistemologicamente nossas inquietações transformada em uma questão investigativa, assim sendo é importante conceituar ou apresentar o prisma pelo qual concebemos a epistemologia feminista negra.

> Essa epistemologia seria um conjunto de ações, projetos e expressões que envolvem as lutas antirracistas, sexistas, como também as contra as lesbofóbicas, questionando fronteiras e projetos, levantando proposições e bandeiras políticas desenvolvidas por mulheres negras em diferentes partes do mundo (MOREIRA, 2023, p. 57).

A pesquisa em andamento foi organizada conforme as seguintes etapas: Levantamento Bibliográfico e revisão de Literatura; submissão do projeto ao Comitê de ética e pesquisa, solicitação dos e-mails aos departamentos da área de Ciências da Natureza, envio dos formulários eletrônicos contento o Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido e algumas questões: idade, autodeclaração de cor/gênero, vínculo profissional dentre outras questões e solicitação de agendas para gravação das entrevistas narrativas. Recebemos a resposta de nove questionários, porém realizamos três entrevistas, mas até o momento transcrevemos apenas uma. Os extratos dos questionários e excertos da narrativa serão apresentados no tópico a seguir, visto que com base nas respostas elaboradas e do que foi biografado por uma das colaboradoras, empreendemos algumas interlocuções.

Para identificar as narradoras da pesquisa, respeitando o anonimato, nomeamos cada uma com o nome de mulheres negras que foram/são referências

na história da ciência. A primeira participante/colaboradora foi identificada como *Wangari Muta Maathai***.**

Wangari Maathai nasceu na área rural de Nyeri, Quênia, no dia primeiro de abril de 1940, que, após concluir os estudos em uma escola só para meninas, seguiu para os Estados Unidos a fim de estudar na St. Scholastica College em Atchison, Kansas, onde adquiriu o diploma em Ciências Biológicas. Wangari Maathai deixou um extenso legado. Escreveu 4 livros e ganhou cerca de 50 prêmios nacionais e internacionais – incluindo o Nobel da Paz de 2004 pelo seu trabalho humanitário, e o Conservation Scientist Award da Columbia University (USA) no mesmo ano.

5. Mulheres negras, narrativas de si e a docência universitária na área de ciências da natureza

Os questionários foram respondidos por nove professoras. A única entrevistada até o momento, embasa o escopo analítico deste artigo. Trata-se de uma mulher negra, faixa etária de 30 – 39 anos, solteira, bissexual, sem filhos, vínculo efetivo como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Possui Licenciatura em Ciências Biológicas, Mestrado e Doutorado em Diversidade Animal. Ela ingressou na instituição pela política de cotas raciais, Lei 12.990, de 2014, completou dois anos de serviço na instituição como docente na graduação, orienta pesquisas de conclusão de curso nas licenciaturas. Não é bolsista em Programas e Projetos do CNPQ/CAPES e, atualmente, coordena um grupo de estudos e pesquisas.

Quando questionada sobre sua vivência no campo da Educação para as relações étnico-raciais, a narradora destaca que sua formação inicial e a pós-graduação não considerou o letramento racial como elemento curricular necessário para a formação em Biologia, que só ocorreu no doutorado quando ela adentrou à A Rede Kunhã Asé – Mulheres nas Ciências.

> "Eu sou docente do Departamento de Ciências Biológicas e a minha percepção quanto mulher negra, de cor parda, ela se dá a partir do doutorado" (Narrativa da Profa. Dra. Wangari).

Segundo a narradora, a Rede Kunhã-Asé nasceu com o objetivo debater a disparidade de gênero nas ciências e oferecer soluções pragmáticas para ampliar a representatividade das mulheres na ciência. O nome da rede significa mulher de poder ou mulher poderosa, sendo uma mistura do Guarani (kunhã, que quer dizer mulher) e do Yorubá (asé, que quer dizer poder).

A escolha do nome visa homenagear os povos da floresta e o povo negro, historicamente oprimidos e não representados pela hegemonia acadêmica. Desta forma, o nome visa refletir, mais uma vez, a preocupação da rede com interseccionalidade e com a representatividade não apenas da mulher, mas de todas as mulheridades: negras, indígenas, transexuais, lésbicas, enfim esgarçar a diversidade na ciência.

Isto posto, a compreensão dos percursos de vida-profissão narradas por mulheres negras no exercício da docência no Ensino Superior podem nos auxiliar na problematização de singularidades/pluralidades, marcas sociais de gênero/raça/classe percebidas no desenrolar da narrativa da profissão docente, porém reconhecendo que a vida na infância, a escolarização, a realidade econômica do núcleo familiar, dentre outras experiências no tempo, ao serem rememoradas ou revisitadas, abrem um leque de possibilidades para compreendermos as identidades das intelectuais e cientistas negras para além do conhecimento acadêmico ou do currículo de formação universitária apenas.

Kilomba (2019) afirma que as experiências subjetivas dos múltiplos movimentos de mulheres são fracionados pela classe, embora a hierarquização entre o que foi racialmente cientificizado sobre o lugar da negritude na força de trabalho influencie a elaboração de conceitos como branquitude, apagamento, subalternidade, marginalidade, reparação, emancipação, descolonização na recuperação das experiências de mulheres negras com o racismo numa sociedade patriarcal.

É importante destacar que mulher, raça e classe estão interligadas para/na constituição e definição do grupo social mulheres negras. Deste modo, como bem pontua Núbia Regina Moreira:

> Os passos que vem de longe trazem nos seus caminhos a experiência. É contra esse "nós" mulheres negras, que ficou escondido no interior daquela mulher universal, que vai se criando também imagens de controle sobre as

> mulheres negras. Imagens de controle que colocam as mulheres negras e, para usar uma representação mais sociológica, na base da pirâmide social, não só do ponto de vista de uma representação econômica, mas do ponto de vista de uma representação também racial, simbólica e de gênero, de território, de religiosidade (MOREIRA, 2023, p. 55).

De forma semelhante, mesmo reconhecendo o movimento feminista em sua pluralidade como uma das frentes poderosas de luta por justiça social e distributiva no mundo contemporâneo, hooks (2019) destaca que as mulheres negras, indígenas, escolarizadas ou não, acadêmicas ou domésticas, como grupo, estão em posição peculiar na sociedade, visto que o racismo atravessa todas as vias de opressão e inferiorização diante de outros grupos, ou seja, em termos coletivos, estamos e permanecemos em maioria como mulheres de "cor" ocupando na base da pirâmide ocupacional.

A mudança para esse estado de coisas requer um embate político no cotidiano da escola, no reconhecimento dessas formas de exclusões veladas, na conscientização do racismo e do sexismo reproduzido no espaço escolar.

A infância de mulheres negras, oriundas da classe trabalhadora é comum à maioria da população brasileira, no entanto, o fator cor/etnia/raça determina a lógica classista cujo desfecho está na criminalização da população negra. O racismo é uma anomalia social que estrutura a hegemonia do capital. Os padrões e papeis assimilados naturalizam a ordem mundial dividia entre ricos e pobres, preto e branco, homem/mulher, classe dominante e dominados e ao mesmo tempo, os poucos que transitam entre as margens e o centro da pirâmide não conseguem se localizar como classe trabalhadora.

Os primeiros anos da infância narrados pela professora Wangari retratam o quanto a condição econômica e a escolarização de crianças pobres/pretas/pardas são determinadas pelo emprego, pela dinâmica do núcleo familiar, pelas possibilidades de sustento da sobrevivência com dignidade. Ela diz:

> Eu venho de uma família que minha mãe é formada em magistério. Meu pai, ele tem ensino médio e ele trabalhava na Vale, num campo que tinha em Teofilândia. Que era uma cidade vizinha a Serrinha. Então, assim, eu nasci em Serrinha. A parte da minha infância foi lá, mas até os três anos. E aí meu pai mudou com a gente, porque tinha uma vila que foi construída pelos trabalhadores da Vale em Teofilândia. A gente mudou para lá e eu fiquei lá até os nove anos. Então, eu estudei em escola particular, minha infância. Eu fui, comecei a ser alfabetizada por uma tia minha, que tinha uma escolinha da criança (Narrativa da Profa. Dra. Wangari).

A infância de Wangari é uma memória de caráter representativo das histórias de vida que marcam as infâncias negras brasileiras, logo, a vida da mulher negra acadêmica assume percursos totalmente diferente de qualquer criança de classe média, contudo, a criança branca sempre encontrará sua imagem representada por experiências positivadas no seio da sociedade brasileira, ao contrário de crianças negras que visualizam a sub-representação seja nos livros didáticos ou na própria condição de trabalho de sua mãe professora. A narradora inclusive expõe que a docência não foi sua primeira escolha, justamente por ver exemplo de mulheres professoras em sua família, que não realizaram seus projetos pessoais e profissionais devido a remuneração ser suficiente apenas para a subsistência familiar.

> Então, neste interim, eu sempre estive com mulheres dentro da educação. Mas, quando eu entrei na universidade, pensei: eu não vou ser professora. De jeito nenhum! Por quê? Porque eu percebia toda a realidade de precarização, principalmente sendo professora de escola pública, né? Municipal e estadual. Então, a questão salarial, a questão de estrutura, a questão da sobrecarga de trabalho, de questões extra, que não da escola em si, mas da família, dinâmicas pessoais dos alunos e como isso acaba afetando a pessoa, né? Então, no meu seio familiar, minha mãe e minhas tias eram professoras e sempre vi essa realidade, cercada de muitas dificuldades financeiras e pelas condições de trabalho (Narrativa da Profa. Dra. Wangari).

Com relação ao ingresso na docência universitária, ela diz que percebe que apesar de reconhecer a realidade econômica que profissionais da educação básica enfrentam no Brasil, a união da família para provisão de recursos como moradia, transporte e alimentação na graduação, no mestrado e no doutorado somados com as Bolsas da Capes de incentivo a pesquisa no mestrado e no doutorado possibilitou, de certo modo, iniciar a sua carreira como professora universitária, sem necessariamente ter trabalhado na educação básica. Seu primeiro emprego foi em uma universidade privada, depois como substituta em instituições públicas de Ensino Superior, até conquistar o cargo como docente efetiva numa universidade estadual.

O que podemos compreender nesta pesquisa, especificamente, como docência universitária? O ensino na universidade caracteriza-se como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos. "As transformações da sociedade contemporânea consolidam o entendimento do

ensino como fenômeno multifacetado" (PIMENTA, ANASTASIOU, 2008, p. 103). Para Wangari, a docência universitária é uma conquista, uma experiência de dimensões complexas e cercada de decisões subjetivas.

> A realização de um sonho, um projeto para qual eu me preparei a vida inteira, mas também envolve muitas demandas. Gosto muito pois, além da aula, nós construímos relacionamentos afetivos com os discentes. Lendo os Trabalhos de Conclusão de Cursos, assistindo apresentações, como ontem, foi o dia inteiro, orientando pesquisas, colaborando em projetos extensionistas. Acho que tudo isso me forja como cientista, intelectual e pesquisadora. E isso implica continuar estudando, investigando dentro deste movimento de como mulher negra, cientista, ser responsável por laboratórios, receber escolas, tudo isso é demanda, que de algum modo engole nosso tempo de maior participação política nas redes, movimentos sociais, e isso é complicado, são as armadilhas que a gente precisa se atentar.

A concepção de docência universitária elaborada por uma mulher negra, extrapola o modelo hegemônico, visto que a caracterização do ensino na universidade como construção científica e crítica está além do conhecimento, crenças, técnica, habilidades, pois envolve escolhas afetivas, compartilhamento de dores, sonhos, desejos. Construir a práxis acadêmica colocando as agendas políticas dos movimentos na composição curricular, nas ementas das licenciaturas é uma das possibilidades de resistência ao produtivismo individualista. Não há receitas ou manuais técnicos capazes de reconfigurar uma academia que faz ciência em confluência com os valores e de uma ética do bem-viver na coletividade. Por isso, é preciso contracolonizar (BISPO DOS SANTOS, 2015). Para Antônio Bispo dos Santos, contracolonizar exige envolvimento com novas cosmogomias, assume um papel político, pedagógico e existencial, o que está explicitado no trecho a seguir da narrativa da Profa. Wangari:

> Eu tenho um grupo de pesquisa que está investindo em estudar colonialidade, decolonialidade, apesar que minhas aulas são aulas muito conteudistas no sentido da biologia, eu tô pesquisando como trazer esse aspecto para minhas aulas. Então eu tô sempre repensando reformulando, principalmente esse ano esse é um dos meus objetivos. Se você tem uma preocupação com essas questões raciais e de gênero, você sempre tenta discutir, estudar, ir pra locais onde você encontra outras pessoas e você possa conversar, dialogar.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2008, p. 55), "a docência universitária é a profissão que tem por natureza constituir um processo mediador

entre sujeitos essencialmente diferentes, professor e aluno no confronto e na conquista do conhecimento". Podemos ir além, a docência universitária é a mediação de saberes, afetos, experiências, memórias sendo que cada pessoa envolvida no movimento ensinar-aprender é parte essencial do processo de produção de ciência que reconheça nossas fragilidades, que nos impulsiona e encoraje a romper como o colonialismo em todas as suas fronteiras, mesmo nos dando conta que o puritanismo e uma suposta originalidade não sejam possíveis no mundo dominado pela tecnociência e pela lógica mecanicista do consumo.

6. Algumas considerações

As memórias que referenciaram este trabalho em forma de narrativas de uma mulher negra, cientista, professora universitária, denotam que cada experiência subjetiva orienta as decisões e, portanto, os modos de fazer/desenvolver/desenvolver si na condição de intelectual negra rompendo estereótipos e pautando as invisibilidades programadas no seio da universidade. Constatamos que as reminiscências da infância de uma professora negra disparam reflexões e olhares distintos sobre o que concebemos como docência universitária. O gênero e a raça ainda embargam o desenvolvimento profissional de mulheres negras, sobretudo quando a dimensão do cuidado nas relações parentais ainda pesa sobre o corpo lido socialmente como feminino e negro.

> Quando você pensa em toda essa dinâmica, todas demandas de uma mulher negra, pobre, que precisa trabalhar para sobreviver, isso porque eu não tenho nem filhos, mas se você colocar este aspecto, que exige uma demanda maior de atenção e cuidado que pesa muito sobre a mulher em nossa sociedade, é inegável. Por isso que é preciso ampliar as políticas afirmativas para que a gente possa concorrer com equidade. Fica difícil ou impossível ter mais mulheres de cor nesses espaços. As bolsas de produtividade exigem uma produção de pesquisa altíssima potência, e você no início de carreira como é a minha, se eu conseguir chegar a isso, pode levar um bom tempo de vida, pois não temos um berço financeiro, ainda estamos correndo pela sobrevivência num espaço em que a desigualdade de gênero e raça ainda pesa muito (Narrativa da Profa. Dra. Wangari).

Em suma, as reflexões empreendidas, nesta pesquisa, evidenciam o quanto precisamos avançar no debate e na formulação de políticas afirmativas que alcance a pós-graduação e as instituições de ensino superior. Em síntese, a narrativa da professora colaboradora deste estudo evidencia o quanto precisamos

avançar em pesquisas e estudos que possibilite ampliar nossa consciência histórica, principalmente sobre o modo como conhecemos o mundo, a vida e concebemos as identidades docentes de mulheres negras no ensino superior em suas intersecções. Para tanto, nos servimos também da interseccionalidade, que nos instrumentaliza no campo teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2018).

Em guisa de conclusão, empreendemos esforços de compreender os modos de ser mulher negra forjados dentro do universo acadêmico confrontadas pelas estruturas históricas que ainda são mantidas limitando os espaços políticos, o alcance das bolsas produtividade, e quando o recorte é racializado ou genderizado, mulheres negras, transexuais por exemplo, ainda não estão no corpo docente da maioria das universidades brasileiras, principalmente nas áreas de ciências da natureza.

Esta pesquisa investiga trajetórias de vida e formação de mulheres negras nas ciências partindo dos entrecruzamentos entre a escrevivência e o feminismo negro para propor novas perspectivas de gênero, raça, ciência no complexo mundo da docência universitária. As tomadas pelas vivências que nos confronta, mobiliza e ressignifica nossas mentalidades em torno de hipóteses que formulamos no cotidiano da vida, da práxis educativa e da formação, reconhecendo todo e qualquer acontecimento como um aprendizado.

Referências

ALENCAR, Yohana Maria Augusto de. **Racismo, Identidade e Formação Profissional: Trajetória de Vidas de Mulheres Negras na Docência do Ensino Superior.** Dissertação de Mestrado – UNILEÃO - Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte-CE, 2021.

AKOTIRNE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento; 2018.

ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. **Dos navios negreiros aos porões da democracia: olhares de mulheres negras sobre a construção de uma agenda de políticas públicas de Belo Horizonte/MG a Salvador/BA.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – NEIM, Salvador, 2016.

CGEE – CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS**. Brasil: Mestres e doutores 2024** Brasília: CGEE. Disponível https://mestresdoutores2024.cgee.org.br/Acesso em: 13 maio 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, *Antônio*. **Colonização, Quilombos: modos e significação.** Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI, 2015.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de Área - Área de Ensino de Ciências e Matemática (Área 46) Avaliação Trienal 1998/2001** Brasília, DF: CAPES.

CARNEIRO, Sueli**. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHASSOT, Attico Inácio. **A Ciência é masculina? É sim, senhora!** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Organizadoras: Constância Lima Duarte; Isabella Rosado (orgs.). 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Ilustrações de Goya Lopes.

EUCLIDES, **Maria Simone. Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e conquistas.** 2017. 254f. – Tese (Doutorado) – Universidade

Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

FLORENÇA, Silvério Freitas; VERRANGIA, Douglas. **O cientista é um homem branco ocidental: uma análise de livros didáticos de Biologia**. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens,* v. 2, n. 3, p. 332–360, 2021.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos.** Rio Janeiro: Zahar. 2020.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo.** Rio Janeiro, Rosa dos Tempos, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil**. 2. ed. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2018.

MOREIRA, Núbia Regina**. Feminismo negro e a organização das feministas negras no Brasil: mulheres, raça e classe.** *In:* CUNHA, Ana Luiza Salgado; MOREIRA, Núbia Regina (org.). *Narrar-se como processo de (re)existência – Narrativas de mulheres da UNEB VI*. Curitiba: CRV, 2023. p. 53-70.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Palmares, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.** Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

OLIVEIRA, Célia Regina Cristo de. **Sobre nós, mulheres negras na escola: um estudo sobre relações raciais e perspectiva decolonial de educação.** 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica - CAp UERJ) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PATEMAN, C. **O contrato sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROSA, Katemari Diogo; ALVES-BRITO, Alan; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista**. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física,* v. 37, n. 3, p. 1440-1468, dez. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

SOUZA, Maicelma Maia. **Espelhamento narrativo e circulação de afetos na cozinha: um modo de cosmo-sentir-pensar e fazer educação com professoras negras brasileiras e mulheres cabo-verdianas.** São Paulo: CRV. 2024.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Editora Alameda. São Paulo: 2017.